

“A desolação, o pavor e o luto”¹: A história da gripe espanhola em Manaus (1918-1919)

JÚLIO SANTOS DA SILVA*
HIDERALDO LIMA DA COSTA**

Introdução

Estudar sobre a história da epidemia de gripe espanhola em Manaus deixa claro que a história das doenças no Brasil e em particular no Amazonas, ainda é um dos inúmeros temas regionais que necessitam ser pesquisados, dado a parca e insignificante produção historiográfica regional sobre o tema, muitas vezes se configurando um cenário de completo silêncio historiográfico.

Os raros trabalhos locais são, muitas vezes, apoiados em uma historiografia tradicional, com a prerrogativa de narrar os fatos sem problematizá-los. O traço marcante dessa vertente de escritores, aparentemente centrado na preocupação de construir registros memorialísticos, concentra-se na exaltação dos “grandes homens”, “políticos”, “médicos” e “governantes” do passado.

Urge análises que traga a tona e nos faça conhecer às ações de homens, de mulheres e de gestores públicos que enfrentaram momentos de crise na saúde pública, e como agiram em situações de crise epidêmica. De tal forma veremos que a participação de alguns médicos no combate da epidemia de gripe espanhola em Manaus foi decisiva na preservação de vidas na cidade.

Ao elegermos como objeto de pesquisa a gripe espanhola reconhecemos que ela manifestou-se em um lugar definido e num tempo delimitado. As reflexões de Dilene Raimundo e Anny Jackeline ajudam-nos a compreender a importância do estudo sobre “doenças”,

“Assim como a história, a doença, como fenômeno social, também é uma construção. Concorrem para a existência da doença diversos elementos científicos, sociais e políticos, temporal e espacialmente estudados. Dito de

¹ Palavras referidas pelo então governador Pedro Alcântara Barcellar (MENSAGEM, 1919, p.20).

* Especialista em história da Saúde na Amazônia pelo ILMD e Mestrando em história pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM.

** Doutor em história pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP e professor da Universidade federal do Amazonas UFAM.

outro modo, diferentes grupos, a cada época, dão significação e sentidos específicos à entidade fisiopatológica chamada doença. A história das doenças pode revelar uma gama de questões” (NASCIMENTO e SILVEIRA, 2004:13-14)

Por isso estudar doenças ou eventos epidêmicos para o historiador significar abrir um leque de possibilidades de análises e interpretações. Optamos por uma análise muito ligada a “história sociocultural da doença que discute a medicina como um terreno incerto no qual a dimensão biomédica está penetrada tanto pela subjetividade humana como pelos fatos objetivos”, sem deixar de lado “suas representações e metáforas sociais” (HOCHMAN & ARMUS, 2004:15).

Ainda que não tenhamos abordado toda essa dimensão nesta pesquisa, a doença nos ajuda a desvendar aspectos da vida na cidade assim como de seus atores sociais, pois quando falamos da influenza, também estamos falando sobre os diversos sujeitos anônimos da cidade que, de uma forma ou de outra, imprimiram suas vozes e suas concepções de vida ao buscarem alternativas de cura diante de uma situação em que a medicina parecia encontrar-se em xeque ou enferma.

O primeiro ponto a ser analisado é sobre a preparação da cidade para combater a epidemia. Beneficiado pelas informações vindas do sul do país, os médicos da cidade montaram uma estrutura para combater e enfrentar a gripe. O que seria uma vantagem sobre a epidemia, logo foi vencido pela quantidade de pessoas contaminadas, e apesar dos postos e dos hospitais montados, tais ações não foram suficientes para evitar a mortandade. Abrindo caminho para o pavor e o medo entre a população manauara, assolada pela gripe espanhola.

O próprio governador do estado, que era médico, trabalhou no cuidado dos pacientes e dirigiu a comissão encarregada de combate à doença, mas toda essa estrutura não foi capaz de barrar o desenvolvimento da moléstia que assolou a cidade trazendo pânico e desespero, todavia, para entender melhor sobre a epidemia de gripe espanhola em Manaus devemos, antes, contextualizar a cidade no advento da doença.

No ano de 1852 foi efetivada a criação da penúltima província do império brasileiro, a província do Amazonas, que herdou as dimensões geográficas da antiga capitania de São José do Rio Negro, sendo sua capital a cidade de Manaus. Ao final do terceiro quarto do século XIX, foi quando a região começou a consolidar um produto economicamente viável modificando a sina de uma cidade fadada ao fracasso no

coração da floresta na região mais distante da capital do império. A cidade de Manaus como as demais cidades do império brasileiro ainda mantinha características “coloniais” como bem observou o viajante naturalista Louiz Agassiz quando de sua passagem pela cidade no ano de 1866,

“Que poderei dizer da cidade de Manaus? É um pequeno aglomerado de casas, metade das quais parece prestes a cair em ruínas, e não se pode deixar de sorrir ao ver os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos: Tesouraria, Câmara Legislativa, Correios, Alfândega, Presidência” (AGASSIZ, 1975:60)

Mas este panorama começou a mudar a partir do final do século XIX e início do século XX, quando a cidade experimentou um dos maiores crescimentos econômicos do norte do Brasil, tudo por causa do capital gerado com a extração do látex, matéria-prima essencial para a produção da borracha.

Sendo um produto cada vez mais demandado pelos países capitalistas, principalmente do continente europeu e Estados Unidos, a *hevea brasilienses*, matéria-prima essencial para a fabricação da borracha tornou-se um dos produtos mais demandados, principalmente a partir da descoberta do processo de vulcanização por Charles Goodyear e a popularização do automóvel após 1900. (WEINSTEIN, 1993:23)

Devemos entender que a exigência do mercado mundial pela matéria-prima da borracha, se dá pela própria necessidade dos inventos que utilizariam produtos oriundos do látex, a indústria de veículos terrestres a motor de combustão interna foi o principal fator dinâmico das economias industrializadas, sendo que os estoques de árvores para a extração do látex então existentes estavam localizadas e concentradas na bacia amazônica, único habitat natural da seringueira, árvore produtora do látex. (FURTADO, 2007:190).

A partir da economia gomífera a região amazônica experimentou uma radical mudança em diversos aspectos nos setores econômicos, populacionais, políticos e culturais. É nesse contexto em que a cidade de Manaus está inserida, passou a ocupar lugar de destaque na exportação dessa matéria-prima, período no qual a cidade foi beneficiada com o capital gerado pelo látex.

Do ponto de vista demográfico a cidade recebeu um grande número de imigrantes nacionais e estrangeiros. Segundo os recenseamentos gerais, Manaus passa de 29.334 habitantes em 1872 para 64.614 habitantes em 1910, quer dizer, sua

população mais que dobrou em menos de quarenta anos. Assumindo a condição de capital da borracha, a cidade passou por um processo de “urbanização” que começou no final do século XIX adentrando nos primeiros anos do século XX,

“A cidade sofre, a partir de 1890, seu primeiro grande surto de urbanização, isto graças aos investimentos propiciados pela acumulação de capital, via economia agrária extrativa-exportadora, especificamente a economia do látex” (DIAS, 2007:27-28)

O grande capital que entrava nos cofres públicos, possibilitou aos administradores públicos a realização de reformas urbanas. “Modernizar” e “embelezar” a cidade seria uma das novas exigências econômicas e sociais da época, mas, principalmente, ela deveria ser higienizada e oferecer as condições de salubridade urbana como parte de um projeto de atração de investidores estrangeiros. Para Edineia Mascarenhas Dias a modernidade em Manaus,

“não só substitui a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração” (DIAS, 2007:29)

Momento em que a cidade passa por uma grande reforma urbana e um processo de embelezamento, tendo como principais obras públicas aquelas localizadas no centro da cidade, como construções de prédios públicos, pontes, ruas, praças e jardins. Além da construção de um porto flutuante essencial para escoar a borracha para os grandes centros capitalistas, e consolidar a cidade de Manaus como “Moderna” e “Civilizada”. Por isso na administração de Eduardo Ribeiro (1892-1896) e diante das inúmeras obras públicas realizadas neste governo, Otoni Mesquita se refere ao governador como “Hausmann Mulato”².

Além da reforma urbana na cidade outros empreendimentos ligados a sua infraestrutura foram essenciais para viabilizar o comércio em franco crescimento,

“Os problemas de infra-estrutura ganharam importância no projeto de reformulação da imagem da cidade não somente por sua necessidade, mas

² A expressão “Hausmann Mulato” usada por Otoni Mesquita no livro LA BELLE VITRINE: Manaus entre dois tempos (1890-1900), refere-se como o próprio autor explica, a uma inspiração no trabalho de Jayme L. Benchimol, *Pereira Passos, um Hausmann Tropical*, onde Eduardo Ribeiro assim como Pereira Passos também é comparado ao Barão Hausmann por sua atuação reformadora na cidade de Manaus.

sobretudo, porque a sua solução se constituiria, convenientemente, num atrativo para o lugar. A instalação de serviços como iluminação pública através da eletricidade, o fornecimento de água potável, rede de esgoto, transporte coletivo através de bonds elétricos, além de uma rede telefônica eram fundamentais para a nova cidade. Eram símbolos que atribuíam ao lugar o status de centro civilizado” (MESQUITA, 2009:216)

Quando a epidemia de gripe espanhola chega em 1918, encontra uma cidade cosmopolita, ainda vivenciando os últimos anos das benesses produzidas pelo capital gerado do látex, que luta para manter a imagem de uma cidade “moderna” e “higienizada” estrategicamente para atrair investimentos do capital estrangeiro. Por isso a cidade deveria manter ares de “salubridade” e oferecer uma estrutura capaz de suprir as demandas dos investidores estrangeiros aqui estabelecidos.

Preparando-se para a “guerra”: o inimigo é a influenza

Dentre as grandes pandemias que assolaram o mundo durante a história da humanidade, destacamos a “gripe espanhola”, que se manifestou de forma epidêmica principalmente nas primeiras décadas do século XX no mundo inteiro. Conhecida principalmente por sua letalidade, a “influenza” manifestou-se de forma pandêmica em praticamente todos os continentes.

“A influenza espanhola fez a sua aparição nefanda no segundo semestre de 1918, durante os últimos meses da I Grande Guerra Mundial. À medida que o conflito caminhava para seu fim, o mundo se viu às voltas com a nova ameaça. Em menos de um mês, a epidemia promoveu uma verdadeira calamidade. A forma abrupta e fulminante como a doença atacava suas vítimas justificava a dúvida de que fosse a tão familiar influenza” (SILVEIRA, 2008:30)

Em outubro de 1918 notícias sobre a “terrível epidemia” eram publicadas todos os dias na imprensa manauara. As notícias que em geral falavam sobre a repercussão da gripe nos outros estados brasileiros e na capital federal, alertavam a população sobre a terrível epidemia que já assolava o sul e o sudeste do país.

No dia 21 de outubro de 1918 reuniu-se no palácio Rio Negro o corpo médico de Manaus chefiado pelo então governador Pedro Alcântara Bacellar, para discutir as providências a serem adotadas contra a doença iminente. Dessa assembléia ficou

definido uma comissão responsável pelas medidas para evitar ou combater a influenza. Posteriormente no dia 29 do mesmo mês reuniu-se o conselho sanitário para definir de que forma seriam executadas as medidas de combate a influenza (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:14).

Poucos dias antes a cidade convivia com a certeza de que a “Espanhola” já se encontrava entre os manauaras. No dia 24 de outubro teve-se a confirmação dos primeiros casos da espanhola acometendo soldados da Força Policial do Estado-auxiliar do Exército Ativo, sendo estes casos confirmados, os doentes logo foram recolhidos à enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, fato este que alarmou as autoridades de Saúde do estado. (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:15)

Segundo notícias do Jornal do Comercio em sua edição do dia 25 de outubro de 1918 os primeiros doentes não eram endógenos, pois tinham vindo a bordo do vapor *Valparaiso*, procedente de Belém (Jornal do Comércio, 25.10.1918). Mas para o médico Alfredo da Matta, que fazia parte da comissão de prevenção e combate da espanhola, defendia a hipótese de que a doença em sua forma benigna tinha chegado à cidade através do paquete *Bahia*, do Lloyd brasileiro. (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:14)

Não tardou muito para que o medo e o terror se espalhasse pela cidade, o que exigiu a ação direta da comissão organizada para combater a epidemia. O primeiro alvo da comissão foi o porto de Manaus, local que obviamente seria a porta de entrada da doença, o Inspetor da Saúde dos Portos, Dr. Madureira de Pinho cuidou da fiscalização dos barcos que deveriam ser desinfetados com o aparelho *Clayton*, usado para desinfetar os porões dos vapores, além de identificar pessoas gripadas, e direcioná-las de imediato para o tratamento. O porto da cidade demandou uma atenção especial por parte da comissão, isso não evitou que rapidamente a influenza se propagasse pela cidade.

A velocidade em que a gripe se espalhou pela cidade surpreendeu a comissão sanitária, que pouco pode fazer para evitar a disseminação dos vírus, “surpreendente a irrupção da gripe, tomando em poucas horas o surto de verdadeira pandemia” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:15-16). Logo que a epidemia se espalhou pela cidade, a comissão sanitária agiu de modo rápido para enfrentar a doença.

Entre as diversas medidas tomadas pela comissão amazonense podemos destacar a criação de um hospital flutuante denominado *Santa Barbara*³, para onde foram encaminhados inúmeros doentes para tratamento, sendo que eles não tinham “recursos pecuniários” para custear o tratamento, ou seja, os pobres da cidade.

Nas palavras do Dr. Alfredo da Matta a doença atacou todas as classes sociais da cidade, “foram atacados quase todos os habitantes da cidade de Manaus, sem distinção de classe, desde as primeiras autoridades do Estado até as de menor hierarquia social” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:16). Se a gripe atacou sem distinção de classe, não podemos dizer o mesmo com relação à assistência e o tratamento que privilegiou os bairros em torno do centro da cidade, pois os diversos postos de assistência médica foram instalados nos bairros de Cachoeirinha, Villa Municipal, Girau (Bilhães), Mocó (Boulevard Amazonas) e no centro da cidade, onde se concentrou o maior número de postos, entre os quais, o que funcionava na Diretoria do Serviço Sanitário, na farmácia Lemos, na farmácia América, no consultório do Dr. Basílio de Seixas e um no Teatro Amazonas denominado “Posto de Assistência Madame Alcântara Bacellar”, em detrimento aos bairros periféricos (Colônia Oliveira Machado, São Raimundo, Constantinópolis) que, ao que tudo indica, parece não fazerem parte das primeiras ações dos gestores públicos. Somente no bairro de São Raimundo, foi posteriormente instalado um posto para atendimento da população (MENSAGEM, 1919:20).

Com o agravamento da epidemia o governo estadual, em novembro de 1918, ofereceu as dependências do grupo escolar que funcionava à praça Visconde do Rio Branco, para a instalação do hospital *Duque de Caxias*, onde foram assistidos 183 enfermos. Na antiga Casa de Detenção também foi instalado em uma das alas onde funcionava a Escola de Aprendizes e Artífices, a enfermaria chamada de *São Roque*. Esta enfermaria destinava-se exclusivamente “a doentes de gripe encontrados ao relento, em abandono em certos pontos da cidade”.⁴ Recebendo os cuidados do Dr. J. Valverde e do próprio Dr. Alcântara Barcellar (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:16).

³ O hospital flutuante Santa Barbara funcionou de caráter provisório no vapor Rio Madeira cedido pelo seu proprietário.

⁴ Na enfermaria São Roque foram socorridos 12 doentes de gripe espanhola.

Também dois quartéis da cidade foram transformados em hospitais, o quartel do Batalhão da Polícia e o quartel da 45ª de caçadores, por causa da lotação na enfermaria militar. Podemos perceber o quanto a cidade foi transformada para enfrentar a gripe espanhola, os jornais diariamente noticiavam os efeitos nefastos da doença na cidade, que parecia estar em “guerra” contra a espanhola.

A documentação pública ao registrar os acontecimentos chama atenção para o fato de que na medida em que a epidemia ia se alastrando pela cidade ia causando um panorama assustador, pois “desorganizaram-se os serviços; por toda parte a desolação, o pavor e o luto”, iam tomando conta (MENSAGEM, 1919:20). O Dr. Alfredo da Matta também salienta o terror e o caráter dissimulador da epidemia, levando ao desespero os moradores da cidade,

“a violência da gripe, com as suas manifestações e complicações por vezes tão insólitas, e a sua patogenia tão polimorfa, conjugada aos serviços incompletos de sua assistência durante o 2 a 3 dias, quando foram racionalmente organizados, deram margem a que a doença se disseminasse com tanta intensidade que, forçoso é confessar, levaram o terror a população de Manaus, visto os milhares de pessoas atacadas” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:17)

Diante desse cenário desolador medidas foram tomadas com a intenção de evitar a disseminação da doença por toda a cidade. Os ensaios dos grupos de artistas que se apresentariam no teatro Amazonas, assim como, outros gêneros de diversões públicas que atraíssem aglomerações de pessoas foram proibidos. Até medidas extremadas foram tomadas, como por exemplo, a proibição das comemorações aos mortos, o adiamento das festas religiosas, tudo na tentativa desesperada de evitar o contágio da doença entre a população já em pânico (MENSAGEM, 1919:19-20).

Diante do terror que a gripe causou na cidade várias medidas foram adotadas como forma de prevenção contra a doença. Essas medidas por sua vez eram noticiadas na imprensa com o intuito de educar e instruir a população sobre como evitar e combater a influenza espanhola.

Dentre as medidas implementadas, podemos destacar as seguintes, que eram veiculadas através dos jornais diários que circulavam na cidade: evitar apertos de mão; evitar beijos nas mãos e nas faces; coibir-se de beber fora de casa; fugir de agrupamentos (teatros, igrejas, cinemas, reuniões familiares, colégios, etc); evitar os desvios dos regimes e excessos de qualquer natureza; evitar levar as mãos à boca, nariz

e ouvidos; não usar as escovas das barbearias, somente as destinadas ao bigode; desinfetar as mãos o maior número de vezes possível, principalmente antes das refeições; não tocar em objetos suspeitos; desinfetar a boca e o nariz pela manhã e a noite; fugir dos ventiladores (Jornal Gazeta da tarde, 23.10.1918). Até mesmo as diversões esportivas paralisaram suas atividades por causa da espanhola,

“o Sr. Manoel Ribeiro de Góes, primeiro secretario da Federação Amazonense de desportos atléticos, enviou-nos um officio, comunicando que de ordem do presidente daquela federação, ficaram suspensos todos os jogos esportivos do presente campeonato de Futebol, até que fique debelada a influenza espanhola” (Jornal Gazeta da Tarde, 04.11.1918)

Com o comercio praticamente paralisado houve uma mobilização de toda a cidade para combater a epidemia, até mesmo as pessoas que foram atacadas pela influenza, e não morreram, quando já restabelecidas ajudaram no tratamento dos demais nos postos e hospitais da cidade, “muitos dos que recebiam-no não se demorava em auxiliá-los, tornando assim em bons companheiros nessa quadra tão melindrosa” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:18).

Não só a população, mas também entidades estabelecidas na cidade, uniram seus esforços no combate a doença são eles: Associação Comercial, Exercito, Força Policial, Universidade de Manaós, Tiro n. 10, Cruz Vermelha brasileira em Manaus, das Sociedades Operarias e Beneficentes e pelos particulares (MENSAGEM, 1919:22). O relatório não deixa claro como foi a participação de cada entidade, por isso ainda não conseguimos mensurar na pesquisa participação de cada uma delas.

Diante de um grande número de vitimados pela gripe, o governo chegou a contratar caminhões para o transporte dos cadáveres para serem sepultados no cemitério. A intensa movimentação dos caminhões com os mortos para o cemitério contribuiu para aumentar o medo entre a população, medo este diminuído no mês de dezembro quando “cessara, desde o dia 3, o ruído terrificante e sinistro dos caminhões para o cemitério” (MENSAGEM, 1919:25).

Tanto que o principal cemitério da cidade o São João Batista ficou superlotado e exigiu “árduos e extenuantes sacrificios do pessoal que ali trabalhava, e que por fim baqueou atacado pela gripe” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:17). Muitos cadáveres ficavam até um dia inteiro no cemitério para serem enterrados,

“No cemitério de S. João, na tarde de ontem, viam-se muitos cadáveres de indigentes, mortos durante a noite do dia passado, já em adiantada

decomposição, e que não tinham recebido ainda, por um descaso, que se não justifica, a última unção de seus semelhantes, que é o dever humanitário e cristão de enterrarem os restos mortais dos que morrem acossados pela miséria e pela peste” (Jornal O Imparcial, 14.11.1918)

Sem dar conta de enterrar todos os mortos foi pedido auxílio dos praças da polícia do estado, para ajudar nas inumações, mas diante do grande número de mortos foi necessário abrir “grandes valas para acudir as inumações⁵”. Mas nem todas as vítimas da influenza conseguiam ser enterradas nos cemitérios da cidade, os mais miseráveis eram abandonados no subúrbio da cidade como noticiou o jornal O Imparcial,

“Hoje, debaixo de uma mangueira, apareceram mais dois cadáveres que foram depositados, naturalmente á noite, atirados assim a vista dos passantes, certamente por parentes que nenhum meio possuem de transportar-los para os cemitérios. Ninguém poderá dizer de quem são os corpos encontrados” (Jornal O Imparcial, 14.11.1918)

Do total de mortos por causa da gripe espanhola em Manaus entre outubro de 1918 e março de 1919, temos 858 vitimas, lembrando que em novembro foram 661 óbitos, isso para uma população de aproximadamente 30.000 habitantes, conforme a tabela abaixo:

MORTALIDADE POR GRIPE ESPANHOLA - MANAUS (1918-1919) ⁶					
ANO	MÊS	ÓBITOS	ANO	MÊS	ÓBITOS
1918	Outubro	1	1919	Janeiro	13
1918	Novembro	661	1919	Fevereiro	31
1918	Dezembro	135	1919	Março	17
TOTAL		797	TOTAL		61

A própria diretoria de Higiene Pública admite um total de mais de 9.000 infectados somente na capital. Mas o número pode ter sido bem maior, pois o Dr. Fulgencio Martins Vidal admite que não foram incluídos os números de mortos de alguns cemitérios, “nestas estatísticas não foram incluídos os óbitos registrados nos cemitérios da Colônia Oliveira Machado, Tabocal, Conceição das Lages, Jatuarana,

⁵ Refere-se principalmente aos dias 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23 e 24 onde ocorreram respectivamente 35, 40, 48, 39, 44, 54, 44, 36, 32, 40 e 34 óbitos. (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:17).

⁶ Tabela elaborada conforme dados do Dr. Alfredo da Matta (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:20-21).

Puraquequara, Tauapessassú e Ayrã” (Relatório da Intendência Municipal, 1920, p.73). Mas com o passar dos meses a influenza desaparecia e a tranquilidade voltava a reinar na cidade,

“depressa, no entanto, esse pavor desapareceu, e a tranquilidade e a confiança se estabeleceram. E assim aconteceu porque deste o primeiro magistrado o Sr. Dr. Governador, e todas as autoridades de Manaus até os mais humildes habitantes da cidade, que procuraram também coadjuvar aqueles com o auxílio anônimo e ignorado, porem sentido, dando assim frisante exemplo de um povo ordeiro e digno, todos, todos cumpriram, e bem, os seus deveres” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:17-18)

No dia 24 de janeiro de 1919 o hospital “Duque de Caxias” foi fechado, a influenza começava a cessar o seu efeito mortífero na cidade. Mas ainda continuaria a ceifar suas vítimas em fevereiro e março quando finalmente acabaria deixando para trás o pânico e o terror, e uma cidade mobilizada disposta a enfrentá-la.

Tratamentos da Influenza em Manaus

O diretor do Serviço Sanitário Dr. Miranda Leão já em 1919 escreveu um artigo específico sobre a gripe espanhola, logo após cessar a epidemia na cidade em 1919. Com o título “A gripe ou influenza⁷”, o Dr. Miranda Leão disserta sobre as modalidades da gripe, diagnóstico, profilaxia e tratamento da gripe, oposto a medicina oficial temos os tratamentos a base de ervas da região que conviveram concomitantes, e às vezes até auxiliando no tratamento. Vale salientar que o próprio Dr. Miranda Leão reconhece a inutilidade dos remédios disponíveis para o tratamento da gripe, os remédios utilizados concentraram-se no tratamento da febre alta apresentada pelos pacientes, “o que foi possível se obter das injeções (...) limitou-se a redução das febres altas e das infecções intestinais” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:28).

A quinina segundo Miranda Leão era inútil como preventivo da gripe, mas em pequena doses e combinadas com “guaraná” ou “caféina”, serviriam como tônicos para restabelecer os doentes da gripe. Outras ervas também ajudariam no restabelecimento do paciente e para baixar a febre, “os chás de folhas de puxiri, de canela, casca preciosa, melissa ou cravo da Índia tem efeitos estimulantes e diaforéticos: muitas vezes baixam a febre” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:30).

⁷ Artigo publicado na revista Amazonas Médico Ano II, V. II, Nº 5, 1919.

Para começar os médicos em atuação no Amazonas reconheciam as principais formas clínicas, a saber: Nervosa, torácica e abdominal, e a outra que às vezes procede as demais, a Infecção Geral. Havia também três características clínicas: benigno, grave e gravíssimo (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:24).

Quando a gripe atacava de forma grave ou gravíssima, segundo o Dr. Miranda Leão deixava os enfermos “entre a vida e a morte muitas vezes venciam” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:24). Segundo também a sua descrição as pessoas atacadas pela espanhola apresentavam as seguintes características:

“A princípio predomina os sintomas da rinite,(...) com tosse pertinaz, um encatarroamento febril de 38,5, a 39,5, chegando não poucas vezes a 41 centígrados, acompanhado de mialgias irradiantes e cefalalgias com calafrios, alquebramento brusco das forças, ou repentinas vertigens. O doente tem os olhos brilhantes e a fâcies característica dos gripados; - fotofobia, constrição e dor na garganta, disparidade de relação entre o pulso e temperatura; há diminuição do primeiro ruído cardíaco, ligeiro aumento do fígado, cianose das extremidades, agitação, insônia e delírio nas altas temperaturas; no segundo dia o tegumento fica pálido e apresenta um aspecto macilento; crescem a fadiga e a irritabilidade nervosa, a lucidez intelectual diminui; depois acentuam as desordens de pulso,(...) síncope momentâneas e sonolência. (...) a língua branca, opalino azulado semelhante á porcelana, com os bordos ligeiramente avermelhados; também inapetência, soluços, náuseas, vômitos biliosos ou não, escarros com espumas estriadas e dores no fígado(...)” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:25)

Esses sintomas muitas vezes levavam os pacientes ao óbito, principalmente as pessoas já flageladas pela miséria e a fome. Na fala do Dr. Alfredo da Matta ele descreve muitas vezes o estado dos doentes que chegam aos hospitais e enfermarias para tratamento,

“Sentiam todos a sua necessidade premente, em particular os médicos, S. E. o Dr. Governador inclusive, que a verificavam, de instante a instante, na penúria de numerosos gripados, muitos pela carência de recursos materiais” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:17)

Diante do estado de penúria da maioria dos doentes houve por parte do estado, sob a inspeção do Sr. Coronel Inspetor do Tesouro a distribuição domiciliar de dietas e medicamentos aos mais pobres da cidade, “sendo esse serviço de utilidade flagrante, qual o de levar aos lares dos necessitados, onde coisa alguma havia” (MENSAGEM, 1919:22).

Os próprios médicos admitem a dificuldade para o tratamento da gripe, principalmente quando ela atacava na forma gravíssima, “nenhum medicamento na gripe teve o poder de obstar a sua marcha invariável” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:28).

Com o terror causado pela epidemia várias formas de tratamentos eram recomendados para a população. Muitos médicos e farmacêuticos faziam propagandas de preventivos e tratamentos nos jornais. Um ponto importante é que não houve muitos embates entre a classe médica e as práticas de curas populares, no auge da epidemia sem remédios para a população o próprio governador do estado, que era médico, através do Dr. Miranda Leão aconselhou a população utilizarem plantas da região para o tratamento da gripe,

“O estoque de medicamentos esgotou a esse, tempo, sendo então, publicadas pelo ilustre e competente Sr. Dr. João Coelho de Miranda Leão, Diretor do Serviço Sanitário do Estado, uteis informações sobre o aproveitamento das propriedades medicinais de plantas de nossa flora no tratamento da influenza” (MENSAGEM, 1919:25)

Dentre as plantas regionais que segundo Miranda Leão tiveram bastante aceitação da população no tratamento da gripe está: “paricá, jataí, folhas de mokém e etc”. Mas ao que tudo indica apenas auxiliavam no tratamento, como por exemplo, a dieta recomendada para os dias de febre, “chá preto, matte, canela, folhas de puxiri, casca preciosa e leite esterilizado com água de Vichy”, e depois da febre “mingaus de tapioca com leite, aveia, trigo levemente torrado, maisena, farinha de macaxeira, mais tarde sopas de cevadinha ou macarrão, caldo de cereais ou legumes, bolachas e frutas cozidas ou assadas” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:33). Diante desse quadro proliferaram na imprensa anúncios de remédios como preventivos e para o tratamento da gripe, contendo ervas e plantas da região.

O Dr. Miranda Leão também fala sobre a alimentação adequada para os doentes, “o leite pasteurizado com um pouco de café ou chocolate, e o leite quente com a farinha de tapioca constituem excelente alimentação” (REVISTA AMAZONAS MÉDICO, 1919:29). Isso provocou um aumento exagerado no preço do leite na cidade causando inúmeros protestos na imprensa manauara,

“de todos os produtos alimentícios admitidos na dieta da gripe o que tem a maior procura é incontestavelmente o leite, quer fresco, quer condensado, daí a razão porque seus vendedores aproveitando-se desumanamente do momento vêm explorando por mil formas a bolsa do povo” (Jornal Gazeta da Tarde, 13.11.1918)

Sabemos que mesmo tentando preservar o status de “Capital da borracha”, havia em Manaus situações de profundas desigualdades sociais. O próprio governador Alcântara Bacellar era criticado constantemente pela imprensa, acusado de inércia e demora no socorro as vítimas da epidemia, e sentenciavam que a “fome dizimou mais que a influenza espanhola” (Jornal Gazeta da tarde, 25.11.1918).

Conclusão

Antes da chegada da gripe espanhola na capital do estado do Amazonas, a cidade de Manaus, as autoridades prepararam-se para enfrentar esta, que seria uma das maiores mazelas de que se tinha conhecimento, mesmo assim a influenza assolou a cidade no ano de 1918. Quando a influenza chegou à cidade a estrutura montada para enfrentar a doença, que seria uma vantagem, não logrou êxito, diante do grande número de pessoas contaminadas, levando terror e o pânico aos habitantes da cidade.

A principal discussão entre os médicos em atuação na cidade seria o fato da doença ser endógena, importada de outras cidades. Por isso a fiscalização no porto foi um dos itens prioritários no plano de contenção da epidemia. Todo o aparato de combate a doença foi utilizada em Manaus, inclusive o aparelho Clayton, usado para desinfetar os navios que ficaram na quarentena.

Dentre as medidas adotadas para enfrentar a doença na cidade estão: postos de assistência na cidade; criação de alguns hospitais para cuidar dos doentes, inclusive um hospital flutuante e a distribuição de medicamentos às pessoas mais pobres da cidade.

Mas todo o aparato não foi capaz de deter a marcha da epidemia que levou o pânico à cidade, fazendo um grande número de vítimas, tanto que por certo período um dos principais cemitérios da cidade não conseguiu enterrar todos os mortos no auge da doença, precisando da ajuda dos militares para tal execução.

Ao contrario de outras capitais não houve em Manaus um grande embate entre a medicina oficial e as práticas de curas populares, mas precisamos entender que houve

um certo “relaxamento” no período da epidemia, visto que os médicos não atacaram as práticas de curas a base de ervas e chás usados pela população manauara.

Fontes

Revista Amazonas Médico, Ano II, V. II, Nº 5, 1919.

Jornal Gazeta da Tarde. Nov e Dez de 1918.

Jornal do Comercio. Nov e Dez de 1918.

Jornal a Capital. Nov e Dez de 1918.

Jornal o Imparcial. Nov e Dez de 1918.

Relatório apresentado a Intendência Municipal de Manaós. 14 de Julho de 1920.

Mensagem do Governador Pedro Alcântara Barcellar a 10 de julho de 1919.

http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/populacao.shtm, acesso em: 03/02/2011.

Referências Bibliográficas

ABRÃO, Janete Silveira. Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre, 1918. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BERTUCCI, Liane Maria. Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Entre doutores e para leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.12, n.1, p. 143-57, jan.-abr. 2005.

BRITO, Nara de Azevedo. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.4, n.1, p. 11-30. 1991.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAS, Edinea Mascarenhas. A ilusão do fausto: *Manaus, 1890-1920*. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.

FEREIRA, Renata Brauner. Epidemia e drama: a Gripe Espanhola em Pelotas-1918. Rio Grande: Fundação Universidade do Rio Grande, 2001.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 6ª Ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 34ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOULART, Adriana da Costa. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.12, n.1, p. 101-42, jan.-abr. 2005.
- LOUREIRO, Antônio José Souto. *Tempos de Esperança (1917-1945)*. Manaus, editora Sérgio Cardoso, 1994.
- MESQUITA, Otoni. *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)*. Manaus, EDUA, 2009.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*. 2ª ed. Manaus: EDUA, 2000.
- ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. São Paulo, Hucitec, 1994.
- SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. *A influenza espanhola e a cidade planejada: Belo Horizonte, 1918*: Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2008.
- SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.12, n.1, p. 71-99, jan.-abr. 2005.
- SOUZA, Christiane Maria Cruz de. *A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Salvador: Edufba, 2009.
- WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920* / Barbara Weinstein; HUCIT: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.